

## *Tu cá tu lá com a história do teatro*

### Um ano

*Tu cá tu lá com a história do teatro* é uma iniciativa da linha de História do Teatro e do Espectáculo do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CET), que teve a sua primeira série entre Outubro de 2021 e Dezembro de 2022. Foram 12 sessões, com 14 convidados e 12 interlocutores diferentes. A estrutura das conversas, que se pretendiam um espaço de diálogo informal, assentava numa exposição inicial sobre o tema escolhido pelo convidado, a que se seguiam perguntas ou comentários da iniciativa do interlocutor convidado e um período posterior de debate com o público, orientado também por este interlocutor.

O objectivo das sessões é, por um lado, permitir a investigadores exporem os seus projectos de investigação, de forma a poderem beneficiar de conselhos e sugestões de um público interessado, desde alunos a especialistas, e, por outro, permitir um diálogo com pessoas experientes e com trabalho na área da história do teatro.

Na primeira vertente, inseriram-se as sessões:

- (a) de Marta Brites Rosa à conversa com Ariadne Nunes, sobre o projecto apresentado no Concurso Estímulo ao Emprego Científico (CEEC) individual da primeira, intitulado "O paradoxo feminino no teatro em Portugal no século XVIII";
- (b) de Márcio Muniz com Vanda Anastácio, numa palestra com o título "Livro meu, que esperas tu? Para uma história da 'Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente'", projecto a que o professor brasileiro se dedicou no seu período de investigação em Portugal;
- (c) em que José Pedro Sousa discutiu com Maria João Almeida o projecto CEEC individual que submeteria para apreciação à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), subordinado ao tema "Teatro e Censura em Portugal (1668-1768)";

- (d) em que Elena Muñoz expôs o seu projecto de doutoramento, uma edição crítica de três obras dramáticas de Jacinto Cordeiro, conversando sobre ele com Cristina Almeida Ribeiro; e, finalmente, a de
- (e) Carlos Vizcaíno Fernández que falou com Carlos Callón sobre o seu projeto de pós-doutoramento acerca da patrimonialização do teatro galego e a construção do seu relato historiográfico.

Contaram-se seis conversas com oradores especialistas, tanto académicos como pessoas com um lugar de destaque no mundo das artes em Portugal. A segunda sessão, em Novembro de 2021, teve como orador José Pedro Serra, que conversou com José Maria Vieira Mendes sobre o que significa ensinar e encenar o teatro clássico contemporaneamente; e a quarta sessão contou com a presença de João Dionísio e Ana Isabel Vasconcelos sobre a edição crítica do primeiro de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett. Também nesta vertente, podemos incluir a oitava sessão, onde Paula Gomes Magalhães, em diálogo com Andreia Brito Silva, deu conta de como o Parque Mayer contribuiu para a consolidação do teatro de Revista em Portugal; a nona sessão, que contou com a presença de Nuno Moura, director do Museu Nacional do Teatro e da Dança e, como interlocutora, de Maria João Brilhante, em que o debate se centrou na importância do trabalho de arquivo para a preservação da história do teatro. Numa outra perspectiva, o tema foi retomado na décima primeira sessão, com Francisco Frazão, director do TBA (Teatro do Bairro Alto) e Rui Pina Coelho, dedicada ao conceito de memória no teatro. Por fim, a última sessão deste ciclo contou com Marcos Magalhães e José Pedro Sousa, tendo como elementos centrais a música e o teatro em Portugal nos séculos XVIII e XIX.

A questão da (im)possibilidade da reconstituição de uma narrativa histórica totalizante e o reconhecimento de que o trabalho de arquivo faculta sempre dados parcelares e de micro-história foi, talvez, o eixo norteador transversal a todas as

conversas. A questão põe-se tanto em trabalhos como os que Marta Rosa, José Pedro Sousa ou Carlos Vizcaíno Fernández apresentaram, projectos que dependem em grande medida do estudo de documentação arquivística, cuja recuperação e análise permitirão reconstituir práticas de uma dada época, como também nos trabalhos de âmbito editorial apresentados e até no tocante à museologia e à programação ou curadoria de uma sala de espectáculos (como o TBA).

Dos primeiros resultou a afirmação de que a análise puramente documental é indispensável, ainda que insuficiente, para o sucesso dos seus projectos, que pretendem olhar para objectos de estudo específicos no contexto sócio-político da época em que se inserem. A importância atribuída às fontes documentais não impede que se reconheça nelas uma natureza frequentemente fragmentária, de leitura ambígua ou incerta e de difícil contextualização. A leitura dos documentos implica o olhar crítico do investigador, capaz de destrinçar tempos e modos discursivos conducentes a uma visão da história não-unívoca, mostrada pelo estudo de casos, que, simultaneamente, permite trazer à luz um património rasurado pelas circunstâncias históricas ou políticas de cada tempo. Esta visão não implica uma negação da História, mas o reconhecimento da sua complexidade, exigindo um olhar duplo, tanto de atenção ao particular, sem esquecer a sua integração no todo mais amplo, como sobre o todo, que permite e alberga a contradição no seu seio. A conversa entre Nuno Moura e Maria João Brilhante, sobre a problemática específica do trabalho de arquivo, mostrou-se particularmente útil, adicionando à reflexão considerações sobre o modo como o desenvolvimento de ferramentas das Humanidades Digitais pode auxiliar na criação de novos métodos de preservação do património, ao mesmo tempo que o torna acessível a um público mais vasto. Sintomático da alteração para um paradigma digital é também o facto de os projectos apresentados preverem a criação de bases de dados, através das quais a informação é trabalhada e divulgada.

A mesma ambivalência entre a pretensão de uma história global e a necessidade de olhar para casos concretos não é alheia aos projectos editoriais apresentados, como os de Márcio Muniz, João Dionísio ou Elena Munõz. De facto, o trabalho crítico sobre um texto, visando fixá-lo tal como teria sido escrito pelo autor, expurgado do *ruído do tempo* que serão os acidentes próprios da transmissão, ao mesmo tempo que discute os limites da reconstituição da história, também implica tanto uma atenção ao pormenor – as variantes –, como uma reflexão sobre o seu lugar no todo que é o texto. Se a visão oitocentista de uma edição crítica que possibilitaria uma fixação definitiva e a-histórica de um texto está hoje ultrapassada, sendo o trabalho editorial reconhecido como necessariamente histórico e subjectivo, o *ruído* da transmissão é constitutivo do próprio texto e é uma das histórias particulares que permite a construção do quadro amplo que é a História.

O papel da transmissão do passado e da sua integração numa linha do tempo, como dados indispensáveis ao conhecimento do presente, foram as questões centrais das conversas conduzidas por José Pedro Serra, por Francisco Frazão e por Marcos Magalhães. José Pedro Serra começou por reflectir sobre o que significa ensinar e aprender, defendendo que, mais do que contribuir para um mero alargar do conhecimento, ensinar deve potenciar uma metamorfose de cada um, um reconhecimento em si daquilo que é dito pelo outro. Quem ensina história e cultura clássica é “transmissário” e transmissor do passado, recebe um testemunho e pretende passá-lo a quem vem depois. Esta transmissão não apaga, uma vez mais, o *ruído do tempo*, toda a mediação desde a Grécia Clássica até hoje. A erudição e o conhecimento dos factos possíveis do passado são o que permite a identificação dos seus traços no presente e a percepção da evolução histórica. A estranheza causada pela distância não pode ser nunca ultrapassada, mas a consciência dela permite a recriação do passado com os olhos de hoje, essencial para o reconhecimento que é o objectivo do ensino. Como foi salientado na sessão onde Francisco Frazão e

Rui Pina Coelho discutiram acerca da “Memória do Teatro”, a história é também constituída por actos efémeros como o teatro, sendo de igual modo a partir destes que se podem construir ligações e encontrar conexões e cruzamentos, que permitem o reconhecimento e a metamorfose procurada pelo ensino.

Tanto no plano formal como no seu conteúdo, a sétima sessão, em jeito de celebração do 25 de Abril, destaca-se das restantes. Adoptou o formato mesa redonda, moderada por Vera San Payo de Lemos, com os actores e encenadores Maria Emília Correia, Rui Mendes e João Lourenço, e teve por título “Ante-portas de Abril”. No plano do conteúdo, a sobreposição do papel dos convidados enquanto trabalhadores do/no teatro durante o Estado Novo e transmissores das suas memórias e experiências foi a demonstração ao vivo de como as histórias particulares concorrem para a recuperação de uma parte importante da História (do Teatro em) de Portugal. Esta sessão mostrou, ainda, que nem só a partir de documentos se pode tentar reconstituir a história, sendo os relatos na primeira pessoa – e a sua transmissão oral – também contributos e formas de preservação da memória, que permitem uma construção da história na sua pluralidade de vozes e pontos de vista.

A gravação das sessões do *Tu cá tu lá* e posterior divulgação *online* em formato de *podcast* pretende, aliás, concorrer para o mesmo objectivo: fazer com que estas memórias não se percam e possam contribuir para o tecido da História do Teatro (não só) em Portugal. Será, aliás, este o modelo privilegiado na segunda série do *Tu cá tu lá*, já iniciada em Janeiro de 2023. Mais do que manter a regularidade mensal que se procurou no primeiro ano, o que se pretende agora é que esta iniciativa tenha uma alargada difusão, ficando disponível em <https://rss.com/podcasts/tucatulala/> e no Spotify.

Andresa Fresta Marques (CET-FLUL)

Ariadne Nunes (IELT-FCSH)